

Títulos brasileiros

Dívida Externa - Conversão

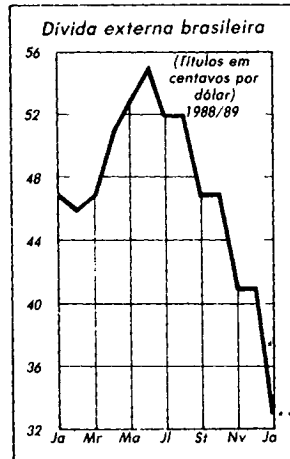
continuam em queda

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

A suspensão dos leilões de conversão da dívida externa por investimento, o adiamento do programa de reempréstimo e as declarações governamentais sobre uma possível moratória afetaram duramente o valor dos "deposit facility agreement" (DFA) do Banco Central do Brasil no mercado secundário.

A cotação da Merrill Lynch na sexta-feira, por exemplo, era de 33 centavos por dólar nominal, a menor desde a declaração da moratória em fevereiro de 1987, vindo de 42 centavos em meados de dezembro passado. "A minha impressão é que os títulos brasileiros estão cotados abaixo do valor", disse a este jornal, contemporizador, o vice-presidente da Merrill Lynch que opera com papéis do Terceiro Mundo, Manuel Mejia-Aoun.

"Nós não levamos em conta as cotações do mercado paralelo", explicou a este jornal um vice-presidente de um dos grandes bancos credores do Brasil, "porque ele é muito pequeno, e porque nele os preços são feitos pelos ban-



cos menores, que são vendidos. Nenhum dos grandes bancos credores vende seus títulos no mercado. Eventualmente nós poderemos comprar, se isso não aumentar nossa exposição com os países menos desenvolvidos", acrescentou.

A queda no valor do título foi, no entanto, o efeito mais visível. "O governo brasileiro poderia aproveitar este momento para fazer novos leilões de troca de dívida por investimento", raciocina William Cisneros, que chefia as opera-

ções de débitos do Terceiro Mundo no Security Pacific Merchant Bank. "Como o valor dos títulos caiu, o governo poderá obter descontos maiores nos leilões."

Cisneros também não consegue entender como é que a suspensão dos reempréstimos, que não tiveram nenhum efeito inflacionário até agora, pela elementar razão de que não aconteceram, poderá ajudar a combater a inflação. Mas há outras dúvidas na mente dos banqueiros.

"Nós temos dúvida de que as reservas brasileiras sejam de apenas US\$ 5 bilhões, num ano em que o Brasil teve um saldo de US\$ 19 bilhões na balança comercial", disse a este jornal um vice-presidente de um dos três maiores bancos credores do País. "É claro que esse assunto é difícil de definir, porque depende do que se considera como reserva. Além disso, alguns governos, como o da Argentina, não divulgam o valor de suas reservas, tornando complicado para observadores externos uma avaliação mais precisa."

Esse mesmo banqueiro

(Continua na página 16)

ACERTO EXTERNO

Títulos brasileiros...

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

(Continuação de 1ª página)

não vê maiores problemas nas declarações sobre uma possível suspensão de pagamentos no exterior, feitas por autoridades brasileiras, caso o País tenha dificuldades de caixa. "Isso é óbvio", argumentou. "Quem não tem dinheiro não pode pagar. Nós sabemos disso..."

Mas o caminho da moratória é complicado, alerta outro banqueiro. "O exemplo recente do Peru, e mesmo o do Brasil em 1987, deixa isso muito claro. Se fizer outra moratória, o Brasil pode ter de arcar com custos muito elevados, e talvez não tenha os benefícios que espera ter", argumentou.

O lado dos custos, para ele, é dramático: "Veja o caso de uma empresa de sucesso no exterior, como a Embraer. Se o Brasil decreta uma moratória, ele ficará isolado da comunidade financeira internacional. Então terá dificuldades para obter financiamentos para exportações, tanto dos bancos comerciais quanto dos eximbanks dos países industrializados. Além disso, o isolamento coloca dúvidas no mercado sobre a capacidade do País de manter o suprimento das exportações. E as exportações brasileiras podem perder mercados que são difíceis de recuperar".

Alguns banqueiros entendem que a credibilidade do governo com seu novo pa-

cote continua baixa, do ponto de vista da população brasileira. "Porque ninguém acha que um esforço sério está sendo feito para cortar o déficit do orçamento. Não estão sendo cortados os subsídios, por exemplo, nem a ferrovia Norte-Sul, nem os marajás", afirma um deles.

O vice-presidente de um dos três maiores bancos credores do País observa que a situação brasileira pode estar produzindo mais excitação do que problemas. "Na verdade, pelo que Sérgio Amaral (assessor internacional do Ministério da Fazenda) e Arnim Lore (diretor do Banco Central) conversaram conosco no fim da semana anterior, eles estão negociando com o Banco Mundial para liberar empréstimos ao Brasil. Esses empréstimos vão liberar desembolsos dos bancos comerciais e do Japão a curto prazo", assinala.

Além disso, acrescenta, "nós esperamos que a nova administração de George Bush deve fazer algumas modificações no Plano Baker. Nós não temos detalhes das mudanças. Mas supomos que serão na direção de dar ao Banco Mundial um papel mais amplo nos empréstimos aos países em desenvolvimento, em conexão com os bancos comerciais. Com isso, mais recursos seriam colocados à disposição de países como o Brasil", conclui.